

## O AMIGO CRÍTICO

-Você é um artista, meu filho. Seu trabalho está maravilhoso.  
Me senti nas nuvens com o comentário.  
Mamãe havia gostado da minha obra de arte.  
Não queria deixar aquela emoção escorrer assim tão rapidamente entre os meus dedos, tinha de continuar me deleitando com outros elogios...  
Procurei a minha vovó que tinha uma visão já não tão apurada:  
-Mas que lindo trabalho. Está a melhor coisa que eu já vi em toda a minha vida.  
Fui até a namorada e mostrei para ela o meu trabalho artístico...  
-Tá bom. Agora vem cá deixa eu te dar uns beijos.  
Tive vários orgasmos, mas, o melhor de tudo mesmo é que eu me sentia lá no céu. Já posava com ares de celebridade artística do pedaço.  
Ficava até imaginando os livros que seriam escritos em minha homenagem quando eu morresse...  
Meu trabalho seria imortal.  
Levava lá para o Marião da padaria ver... Antes é claro, eu já comprava uma meia dúzia de docinhos, daqueles de R\$1,00.  
- Tá legal prá caramba, meu! - Ele dizia.  
Mostrava também para os professores lá na escola:  
-Seu trabalho está bom, rapaz. - Eles diziam.  
Quase tinha um orgasmo múltiplo ouvindo isso. Acabava nem escutando a segunda parte do comentário onde apontavam eventuais problemas e falhas técnicas.  
O cachorro, o passarinho, o mendigo (quando eu dava alguma esmola) e até o padre (sempre que eu não esquecia o dízimo) elogiavam minhas magistrais obras de arte.  
Os problemas sempre acabavam começando com o meu vizinho Serjão...  
O cara olhava, olhava, olhava e dizia:  
-Tá uma merda!  
-Mas, eu... eh... ah...  
-Tá uma merda.  
E me apontava 67 motivos pelos quais ele achava que estava uma merda!  
Saia arrasado, é claro. Mas o cara até era legal. Dava uns tapinhas nas costas e dizia:  
-Nada pessoal, é claro!

\*\*\*

Aquilo era uma ofensa à minha alma artística; mas tudo bem; eu começava novamente. Fazia outros trabalhos artísticos e expunha-os novamente ao meu público... A mamãe, a vovó, a namoradinha...

Só elogios... Quando eu começava a me sentir como o verdadeiro e único imortal do milênio, desgraçada ou afortunadamente acabava cruzando com o Serjão.

O cara fazia aquela cara de crítico intelectual, olhava, olhava, olhava e após um “minucioso” exame, acabava dizendo...

-Cara você tem de se internar num manicômio. Isso aqui tá infantil. Nunca vi pior...

Eu quase queria matar o sujeito. Chegava até a babar na hora. Mas acabava me controlando.

-Tudo bem! - Eu pensava. - Não desistirei.

\*\*\*

Realizei a obra monumental que deveria então coroar a minha carreira artística.

Levei muitos e muitos anos trabalhando nela.

Quando terminei, imediatamente levei ao meu público.

Todos gostaram!

Desta vez consegui até unanimidade. Ninguém piou nem chiou.

Mostrei para o Serjão com um sorriso nos lábios e cara de satisfação:

-Unanimidade total Serjão! Incontestável e arrasadoramente bom! Você não poderá reclamar desta vez.

-Deixa eu ver aqui!

Olhou, olhou, olhou, por fim disse:

-Olha cara eu se fosse você mudava de ramo! Negócio de artes não é para você! Tua área é outra. Sai dessa! Tá uma droga! Não sei como gastou tanto tempo nisso daí.

Não acreditei. Acabava-se naquele momento a unanimidade...

Foi então que ocorreu matar o meu único crítico.

\*\*\*

Teria de ser o crime perfeito.

Não deveria deixar pista alguma.

A coisa deveria ser feita com o máximo de crueldade possível.

Ficava imaginando milhares de formas de torturar e matar, mas, no fim, a melhor me ocorreu quando estava numa feira comendo pastéis.

Numa das barracas estava pendurado um autêntico desintegrador molecular. Era como um secador de cabelo só que, onde deveria haver a boca do cano estava a boca de uma corneta.

Custava apenas R\$13,00.

Na embalagem estava escrito:

-Nunca apontar para outro ser humano. Morte com alto grau de sofrimento. Garantia total de desaparecimento de resíduos.

Bem, um cara que faz tal tipo de crítica ao meu trabalho não se tratava de um ser humano.

Comprei sem remorso.

\*\*\*

Para quê perder tempo? Se tem de fazer o serviço, faça-o logo.

Fui procurar o Serjão.

la fazer o serviço quando estivéssemos na casa dele filosofando sobre as contas da vida para pagar...

Nem o cachorro dele sentiria falta.

Chegando lá, fui logo recebido pelo próprio...

-Ah! Que bom que você chegou. - Ele disse.

Cumprimentei-o enquanto com a outra mão segurava a empunhadura do desintegrador ainda oculto dentro do meu paletó.

-Quero que veja algo. - Ele disse e saiu andando dando-me as costas.

Fui logo atrás.

-Vamos ver o que é. -Pensei - Depois eu mato ele.

-Veja - Disse ele - minha Obra de Arte!

De cara fiquei assustado! Meus pensamentos se desgovernavam:

-O que? Serjão? Obra de Arte?

Olhei, olhei, olhei a tal da obra de arte.

Não estava ruim. Bom, pra dizer a verdade mesmo estava um pouco sofrível.

Quero dizer, se olharmos detalhadamente, mas bem de perto, logo percebe-se que é um servicinho safado de sem-vergonha...

-Cê que fez, Serjão?

-Sim. Não está ótimo?

-Porra cara, até eu faço melhor que isso aí...

Não pude evitar.

Enumerei mais de 700 motivos pelos quais eu achava aquela obra de arte uma sucata digna do lixo.

No final da história, acabei jogando fora o desintegrador e ainda saí da casa dele dizendo:

-Não esquenta não, você ainda chega lá....

\*\*\*